



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redação e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.^o

Lisboa - PORTUGAL

End. teleg. Tafinha - Lisboa • Telefone:?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

AS RIQUESAS NACIONAIS

Se nos governassem criaturas inteligentes e sáias, não poluidas pelo vício da política que contamina as altas classes; se os dirigentes não se preocupassem apenas de regedoria e encarassem a sério o desenvolvimento económico do país, procurando a solução a tantos problemas dum interesse vital, outra seria a nossa situação.

Somos um povo miserável gobernado por medíocres duma ignorância crassa e duma inépacia asombrosa, sem talento nem iniciativa, sem vergonha nem carácter.

Eles vivem *au jour le jour* satisfazendo apenas a óca vaidade de insignificantes e nulos, sem se compenetrarem jamais de que a missão de quem governa não é assinar o expediente de secretaria nem desbaratar os dinheiros públicos como ai estão fazendo numa inconsciência que brada aos céus, —mas promover o progresso moral e material da colectividade.

Cada situação política, cada etapa na sucessão governamental veem sempre acompanhados por promessas formais de vida nova e um programa de realizações que de antemão se sabe não passarem de simples miragem espetaculosa, que alias já a ninguém ilude. De facto o tamango o descrédito que quase hóga a ser deprimento exercer cargos políticos. E desta repulsa mais altas e nobres funções cívicas participam as competências técnicas, os reais valores sociais, a tal ponto que ser político nosta terra é para os honestos dignos um sinal de nulidade quando não falta de carácter.

O capitalismo, que faz concentrações enormes de riqueza à custa humana iníqua exploração do trabalho, nem salda ao menos um pouco do seu passivo ignominioso com objectivos sociais no interesse colectivo. As gerações que sucedem ao regime capitalista-burguês encontram tudo por fazer. Não há estradas, caminhos de ferro, canais navegáveis; não há indústria nem exploração agrícola para as necessidades da população. Espera-se o nada mais. E o sistema atípico, o sistema de sempre, que vivemos dos tempos da Índia e do Brasil: criar riquezas fictícias por moralíssimos processos deixando improdutivos e inexplorados os recursos naturais do solo, única base sólida duma possível regeneração da nacionalidade.

Estes problemas interessam-nos muito mais do que os políticos sujam. Que nos guerreiam as inimizâncias e os repelimos os ténicos! Aleivosia no caso. O que nós não toleramos é o intelectualismo que faz das nossas vidas um estudo de simples miragens, espetaculosa, que alias já a ninguém ilude. De facto o tamango o descrédito que quase hóga a ser deprimento exercer cargos políticos. E desta repulsa mais altas e nobres funções cívicas participam as competências técnicas, os reais valores sociais, a tal ponto que ser político nosta terra é para os honestos dignos um sinal de nulidade quando não falta de carácter.

O capitalismo, que faz concentrações enormes de riqueza à custa humana iníqua exploração do trabalho, nem salda ao menos um pouco do seu passivo ignominioso com objectivos sociais no interesse colectivo. As gerações que sucedem ao regime capitalista-burguês encontram tudo por fazer. Não há estradas, caminhos de ferro, canais navegáveis; não há indústria nem exploração agrícola para as necessidades da população. Espera-se o nada mais. E o sistema atípico, o sistema de sempre, que vivemos dos tempos da Índia e do Brasil: criar riquezas fictícias por moralíssimos processos deixando improdutivos e inexplorados os recursos naturais do solo, única base sólida duma possível regeneração da nacionalidade.

Estes problemas interessam-nos muito mais do que os políticos sujam. Que nos guerreiam as inimizâncias e os repelimos os ténicos! Aleivosia no caso. O que nós não toleramos é o intelectualismo

Voltando às riquezas naturais. No nosso país, todo entregue à política, escasseiam as fecundas iniciativas.

A utilização das correntes fluviárias para o aproveitamento da energia hidráulica é, por exemplo, uma das questões momentâneas principalmente para os países grandes deficitários de carvão de pedra. A este respeito pouco ou nada se tem tentado entre nós, não faltando porém os tais mirificos projectos, como aquél que, não ha muito ainda, foi dado a público pela vereação municipal de Lisboa a propósito da utilização da energia do Tejo.

A política hidráulica que começou a iniciar-se em Espanha sóbretudo depois da sabia e intensa campanha de Joaquim Costa, começo a dar frutos naquela pais.

Num livro recente do sr. Ezequiel de Campos, *Pela Espanha*, descreve o notável publicista a obra hidráulica levada a cabo no país vizinho pela empreza «Riegos y Fuerza del Ebro». «Pode dizer-se, afirma o sr. Ezequiel de Campos, que feitas todas as obras, este recanto da Espanha compreendendo as quatro províncias do nordeste (mas principalmente as três de Lerida, Barcelona e Tarragona) fica sendo um dos pontos do mundo mais intensamente servidos pela electricidade. Então pode de fazer-se aqui uma boa parte dos adubos químicos azotados de que precisa a agricultura espanhola; pode a Catalunha movimentar toda a sua indústria e introduzir novas explorações agrícolas para as necessidades da população. Espera-se o nada mais. E o sistema atípico, o sistema de sempre, que vivemos dos tempos da Índia e do Brasil: criar riquezas fictícias por moralíssimos processos deixando improdutivos e inexplorados os recursos naturais do solo, única base sólida duma possível regeneração da nacionalidade.

Estes problemas interessam-nos muito mais do que os políticos sujam. Que nos guerreiam as inimizâncias e os repelimos os ténicos! Aleivosia no caso. O que nós não toleramos é o intelectualismo

C. G. T.

Comité Confederal

Na sua reunião de ontem este Comité, depois de dar despacho a vários expedientes, e entre o mesmo alguns convites para representação da C. G. T. em várias sessões de Associações de Lisboa, resolveu notificar aos organismos locais que esses convites devem apenas ser feitos à U. S. O. local, visto tais representações não estarem a caráter da C. G. T. tanto mais que, se por um lado o número de componentes deste Comité é reduzido, por outro, e que é o mais importante, todo o tempo lhes é necessário para o desempenho das funções que lhe são próprias.

Está já a ser impreso o estatuto confederal a juntar ao mais breve possível enviado aos sindicatos, assim como a respectiva circular.

O Comité Confederal notifica a todos os sindicatos acesos à extinta U. O. N. de que devem liquidar a sua cotização do mês de Setembro; pois a cotização confederal tem inicio a contar dia 1 de Outubro. Esta cotização (2000 de admissão à C. G. T.; 10 centavos por cada sindicato aceso à Uniões Locais + 2 centavos por cada associado) deve ser enviada até 31 de Dezembro directamente à C. G. T., passando a mesma cotização, dia 1 de Janeiro em diante, a ser pagada por consulta das Uniões e Federações, pois será dessa data em diante que entrarão em uso os sindicatos caderneiros confederados.

O Comité quereria mandar fazer todos os clichés do selo confederal que são necessários para os sindicatos.

Para tomar tal decisão, porém, apesar de trazer grande economia para a organização, só a poderá tomar os sindicatos, e aí aí queira meter ombros em essa lareira, e que dela se saia com êxito. Risinhos, de satisfação uns, outros amarelos como o desespero, apertos de mãos efusivos, de esmagar os dedos e consolar a alma, palmadinhas nas costas, de tanta intimidade como hipocrisia, colhões a meia voz, diálogos — oh! os diálogos, quem pudera registá-los! — de despeito, de inveja, de ódio, como tudo aquilo seria bizarro se eu pudesse estar dentro dum ouvidio de Dionísio, escutando! Emfim, é preciso a gente contentar-se com o que tem, e naquele momento o único indicio que eu possua eram os rostos dos impenetráveis pais da pátria, tan costumados a fingir diplomáticamente e a mentir com tal descaro que alé chegam a parecer que pertencem a um sapateiro, ao sábado, quando o trabalho apera e não há remédio senão faltar. Eles não diziam nada. Sorriam. E o sorriso tanto pode ser falso como confiante, falso como espontâneo.

Que os sindicatos o ossujo da devida coroa e resolvam em consonância, visto todo o interesse ser dos mesmos.

O Comité resolveu mais distribuir juntamente com o modelo das caderneiros confederados, um verbete-modelo destinado a facilitar a descarga por parte dos respectivos cobradores aos sindicatos.

Notas e Comentários

omo as aprecia «O Combate»

Aplicando as *Notas e Comentários*, agora publicadas em volume, da autoria do nosso colega de redacção Perfeito de Carvalho, diz o jornal socialista *O Combat*:

Um dos maiores prazeres do nosso espírito vivemos ontem, quando vimos aparecer, sobre a nossa mesa de trabalho, o livro *Notas e Comentários* do nosso amigo e colega Perfeito de Carvalho — reposição selecionado das notícias que, sob o mesmo título, publicou na *Batalha* durante seis meses.

O Comité resolveu mais distribuir juntamente com o modelo das caderneiros confederados, um verbete-modelo destinado a facilitar a descarga por parte dos respectivos cobradores aos sindicatos.

Notas e Comentários

omo as aprecia «O Combat»

Aplicando as *Notas e Comentários*, agora publicadas em volume, da autoria do nosso colega de redacção Perfeito de Carvalho, diz o jornal socialista *O Combat*:

Um dos maiores prazeres do nosso espírito vivemos ontem, quando vimos aparecer, sobre a nossa mesa de trabalho, o livro *Notas e Comentários* do nosso amigo e colega Perfeito de Carvalho — reposição selecionado das notícias que, sob o mesmo título, publicou na *Batalha* durante seis meses.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que, noutras países e no nosso, constitui a glória de Portugal.

E tivemos um grande prazer espiritual, porque, conhecendo já o conteúdo do livro, podemos aplicá-lo a possibilidade de voltar a ler essas pequeninas piadas literárias que são as *Notas e Comentários* de final de observação traçados por mão de mestre, fuzos ironicos que castigam sorriente e concelhos acerados que sangram e contudem os vicios e os prejuízos da actual sociedade — tudo num estilo sobrio, elegante, austero, que é o segredo de Perfeito de Carvalho e que ele maneja com facilidade e com felicidade.

Todos aqueles que amam a boa prosa portuguesa; que adoram a sá filosofia; que se deleitam com a ironia levemente morzada, da fina graca lusitana, ou com a crítica acerba e contundente das podridões sociais, devem ler *Notas e Comentários*, porque elas tem muito do poiso que,

Na Rússia dos Soviets

A CAUSA DAS DIFICULDADES EGONÓMICAS — O BLOQUEIO

O tolostoiano Birukov, que não é bolchevista, tem sobre este assunto uma opinião interessante. Sobre o que ele viu, decorreu, aliás, já mais de meio ano.

"Há muito tempo, diz ele, que, na sua grande maioria, a corporação médica se reconciliou com o governo bolchevique.

O trabalho, desgraçadamente, não lhe falta. Numerosas epidemias fizeram grandes estragos. São atribuídas às condições actuais de vida. O assovio trouxe um luxo. O sabão e a roupa branca acabarão em breve por desaparecer de todo, se há-de durar o bloqueio, que mata a Rússia. A gente do povo tinha o costume de tomar ao menos um banho por semana, ao sábado, mas em virtude da falta de carvão, um banho, que antes da guerra custava cinco copecks, custa hoje três rublos ou mais. O governo procurou obter um sabão sem gordura, com base de areia, mas fracassou em face da penuria de matérias primas.

"Enquanto não for levantado o bloqueio pela Entente, terá o povo russo que suportar toda a casta de privações.

Os portos do norte e do sul estão bloqueados pelas esquadras dos aliados; as minas de carvão e de petróleo estão nas mãos dos ingleses e de aventureros como Koltchak e Dénikine, que a Entente arma contra a Rússia. Quasi todas as dificuldades materiais que o povo russo tem hoje a vencer seem como causa única a política coercitiva dos países que pretendem representar a civilização ocidental. O exército vermelho é obra da Entente. Por várias vezes se declarou o governo bolchevique antimilitarista. O povo russo, tanto pacífico detesta a guerra hoje como ontem, e o sempre.

Resiste pertinazmente ao alistamento. No exército vermelho há tantos desertores como os havia no exército do tsar, e até sucede às vezes não chegar um regimento às etapas marcadas, por se terem dispersado pelo caminho os seus homens."

E mais adiante, Birukov insiste:

"E' para a Rússia uma grande des-

THEATRO SÃO LUIZ
A maravilhosa e alegre revista
PREFÍLIA
O Concorde, da Galiza,
Prepara nova incursão;
Vir a Lisboa precisa
Teima, faz disso questão:
Encasquetou-se-lhe a ideia
De vir ver o Po de Meia!

O valor revolucionário do cooperativismo

A questão do cooperativismo, que já redação da Batalha tratou e que o nosso famoso Gonçalves Correia se ocupou num dos seus últimos números desse ornal, levou o sr. Armando Massano a enviar-nos a carta a que abaixo damos publicidade. Esta publicação não significa uma intérprete concordância da nossa parte com todas as opiniões expostas pelo sindicato do documento transscrito a seguir, acontecendo até que algumas das suas conclusões pessimistas estão em desacordo diametral com o que, a respeito do assunto, pensamos.

A carta que recebemos é, porém, correcta em todos os seus pontos, e entendemos nela que não é lícito por entrever a exposição de um parecer relativo a uma questão de interesse operário, e dos mais caros, estão em jogo. Eis, portanto, a carta do sr. Massano:

"Mesmo nas fábricas mais bem aparelhadas, — le-se na já citada carta de Estocolmo ao Economist, — veio a produção diminuindo fortemente, pois os operários padecem fome crônica."

Um inspector dos Soviets, após uma visita à Xaragova-Okhota, nota que "os operários recordam aquelas fotografias das camponeses esfomeados pela carestia desde Ufa a Samara, que se viam no período de 1890 a 1899."

Por isso, o serviço não consegue retomar o seu regular funcionamento, porque as fábricas de vagões e de locomotivas e os estabelecimentos para reparações dão um rendimento exiguo. Isto depende, escreve Arsky nas *Izvestia*, da imprópria produção individual, devida ao facto de não conseguirem os operários, por fraqueza, manejá a ferramenta nem dirigir as máquinas."

Preve ele que o decreto de 24 de Fevereiro, que oferece prémios pela produção superior ao mínimo, há-de dar algum resultado, mas o jornal *V seyda V period* commenta que "os prémios em dinheiro podem curar a indolência, mas só os prémios pagos em alimentos curarão o esgotamento físico."

ECOS DO CONGRESSO DE LIAO

A moção dos extremistas

O 14º Congresso confederal, tendo que examinar o procedimento e ação da Confederação Geral do Trabalho desde 2 de Agosto de 1914;

Lembra que as guerras, e em particular a que acaba de se dar entre os povos de muitas nações, são resultado das rivalidades capitalistas para conquista do mercado mundial;

Consigna que, nesta guerra, a C. G. T., com as suas diversas manifestações política de abdicação e de compromisso ao lado do governo, praticou uma política de abdicação e de compromisso com os dirigentes burgueses;

Que, com esta maneira de proceder, deixou-se a C. G. T. prender à obra de guerra cujas responsabilidades ela compartilhou;

Que, por esse motivo, ela não pode agir com a independência e vigor suficientes, contra uma paz de injustiça e de violência que, sem apaziguar os ódios existentes, já suscita outros novos e torna fatais próximas guerras;

Que ela não impôs tampouco aos governantes a amnistia total e o restabelecimento das liberdades públicas;

Por essas razões, o Congresso censura a atitude e a ação da Comissão Central durante a guerra.

O Congresso condena também a política de colaboração das classes inaugurada pela Comissão Central, e cujas manifestações actuais são apenas o prolongamento da mesma política de colaboração praticada durante a guerra com o governo capitalista.

Considera ele que não são os negociações inevitáveis entre patrões e operários que constituem actos de colaboração, mas sim a participação, em organismos permanentes, no estudo em comum entre os representantes operários e os da classe burguesa, dos problemas económicos cuja solução só pode prolongar a existência do regime actual. Recordando com energia os princípios essenciais do sindicalismo francês enunciado na Carta de Amiens, o Congresso proclama de novo a inelutável necessidade da luta das classes com a sua conclusão lógica: a supressão do salário.

Afirmativa que se precisa assim:

"Na ação reivindicadora cotidiana, o sindicalismo tem em vista: a coordenação dos esforços operários, o aumento do bem-estar dos trabalhadores pela realização de melhorias imediatas, tais como: a redução das horas de trabalho, a elevação de salário, etc., etc."

"Mas, esta tarefa é apenas uma parte da obra do sindicalismo; ela prepara a emancipação integral dos trabalhadores, que só pela expropriação capitalista se pode realizar; ela preconiza como meio de ação a greve geral, e considera que o sindicato, hoje agrupamento de resistência, será no futuro o grupo de produção e de repartição, base de reorganização social."

A greve geral revolucionária pode ser resultado de greves parciais que se estendem, se comunicam sucessivamente, ou de outros acontecimentos inesperados que é preciso saber agarrar resolutamente.

Com as ideias de emancipação e a situação revolucionária criada pela guerra, não é admissível nenhum hesitação, nenhum tergiversação, nenhum afastamento passivo, nenhum oportunismo.

Toda a energia revolucionária de que dispõe o proletariado, todas as suas forças vivas devem ser transformadas em actos.

O Congresso, registando a vontade manifesta dos governos de cismarem as revoluções operárias onde quer que elas estalem, censura a C. G. T. por ter falado à palavra dada ao povo de Inglaterra e Itália, recusando ante a execução do acto que podia salvar a república húngara, e declara que esta fraquezza é mais uma consequência da

Gonçalves Viana

Efectuou-se ontem a transplantação dos seus restos mortais

No cemitério de Benfica realizou-se ontem, a trasladação da ossada de Gonçalves Viana, que ocupava o coval n.º 2521 do talhão C., para o ossário municipal do mesmo cemitério. Às 13 horas começaram a exumação dos restos mortais do ilustre homem de ciéncias, que terminou pouco depois das 14, sendo encerrados os ossos, depois de limpos, numa pequenina urna de mogno, que ficou depositada no compartimento n.º 128.

Assistiram ao acto, entre outras pessoas, os srs. dr. David Lopes, professor da Faculdade de Letras de Lisboa; Monteiro Ailaud, proprietário da livraria Bertrand; dr. António Barradas e dr. Luís Filipe da Cruz e Costa, professor americano, descendente de portugueses, que era, ao mesmo tempo um grande admirador de Gonçalves Viana.

Não pôde comparecer o sr. Armando Luís Rodrigues, o benemérito admirador de Gonçalves Viana, que espontaneamente se ofereceu para custear todas as despesas da trasladação, por estar ausente.

No seu regresso, trasladar-se-há para jazigo próprio no cemitério do Alto de S. João, a urna, que contém os restos mortais de Gonçalves Viana. Junto do cova assistiu, desde o princípio à exumação, uma senhora de idade, de nome Augusta da Silva, que foi costurada em casa do emblemático glaciólogo.

Em tempo de eleições, por E. Malatesta

Preço 2 centavos

Leiam todos — Um folheto de boa propaganda

• • •

Com a ideia de emancipação e a situação revolucionária criada pela guerra, não é admissível nenhum hesitação, nenhum tergiversação, nenhum afastamento passivo, nenhum oportunismo.

Toda a energia revolucionária de que dispõe o proletariado, todas as suas forças vivas devem ser transformadas em actos.

O Congresso, registando a vontade manifesta dos governos de cismarem as revoluções operárias onde quer que elas estalem, censura a C. G. T. por ter falado à palavra dada ao povo de Inglaterra e Itália, recusando ante a execução do acto que podia salvar a república húngara, e declara que esta fraquezza é mais uma consequência da

O professorado primário em França

Os professores primários franceses tinham duas espécies de organização: os sindicatos, aderentes à C. G. T. e por si representados no Congresso de Liao por extremistas, como Monatte e Bouet, este último secretário da Federação do Ensino, e as "Amicales", as associações de amigos, de espírito corporativo, sem ligação com quaisquer outras corporações.

Pois Olay, conhecido militante sindicalista, quem mais se saíram na discussão? De que tinham medo os seus colegas? Da luta de classe? Mas a C. G. T. não a criou: os seus estatutos apenas lhe atestam a existência, visando a C. G. T. precisamente o desaparecimento desse facto por meio da transformação social.

Os professores primários, servindo-se do direito sindical, que é uma conquista operária e não um presente dos legisladores, e unindo-se aos trabalhadores, poderão arrancar para vantagem comum a reforma escolar há tanto tempo reclamada em vão.

Ao lado dos trabalhadores manuais estão muito bem os professores primários, pretendendo a C. G. T. aproveitar a produção todos os concursos, desde o maior engenheiro até ao jardineiro mais humilde.

Se a C. G. T. intervém na questão da guerra, gerá acaso trair o pensamento dos professores primários o dizer que são contra a guerra e que a Conferência da Paz é uma decepção para que, ao combater, supunham fazê-lo para acabar para sempre com a guerra e o militarismo? (Vives aplausos).

Depois de mostrar a reacionária política internacional da Entente, na Alemanha e na Rússia, Gladys conclui:

"Que resta, pois? A expropriação, censurada do programa da C. G. T. Direis-vos então que quereis abandonar a sua filosofia revolucionária, do que tem resultado o seu estagnamento e, quasi por assim dizer, a sua falência; consequência directa do seu aburguesamento, que não tem, aliás, sido marcado com as próprias exigências das leis, mas quasi absolutamente pelos seus continuadores, o que de certo modo vem demonstrar esta dura verdade: as revoltas contra o capitalismo não derivam absolutamente de um sentimento de justiça e humanidade das massas, mas principalmente da circunstâncias dos revolucionários não serem capitalistas... E é assim que, infelizmente, não temos visto os mais ardentes propagandistas mudarem-se nos peores dos carrascos, se o acaso os transforma em patrões ou capitalistas.

O cooperativismo tem também sido abandonado pelos elementos que melhor o podiam transformar em clava revolucionária, por uma tendência muito humana: o desejo de alcançar popularidade, a embriaguez dos aplausos! O cooperativismo não tem mis-en-scene, não tem tablados, não tem nada por meio do qual se possa preparar, quer na vida, quer na escala da popularidade. Aquela que se dedica ao cooperativismo, ha-de ser sempre um desconhecido que ninguém aplaudirá. Trabalha numa cooperativa é tão inglório para a validade humana, como é inglório um rascuno de louco heróico sem testemunhas para o contar.

Mas exactamente porque os mais fálgicos elementos não dispensam o tablado, é que mais cedo se devia ter começado a discutir o cooperativismo, antes que dêes ao mundo a sua filosofia revolucionária, que é a de que os operários devem organizar-se para demonstrar esta dura verdade: as revoltas contra o capitalismo não derivam absolutamente de um sentimento de justiça e humanidade das massas, mas principalmente da circunstâncias dos revolucionários não serem capitalistas... E é assim que, infelizmente, não temos visto os mais ardentes propagandistas mudarem-se nos peores dos carrascos, se o acaso os transforma em patrões ou capitalistas.

As revoluções, depois de transformadas em sindicatos quase que a C. G. T. por 170 votos contra 43 desfavoráveis e 34 abstinentes.

• • •

A "Casa dos Jornalistas"

Reuniu-se hoje, pelas 22 horas, na redação da Manhã, as comissões executiva e de propaganda da "Casa dos Jornalistas", a fim de serem feitas comunicações de ofertas e adesões e de se tratar da próxima festa a favor de

transformadas em sindicatos quase que a C. G. T. por 170 votos contra 43 desfavoráveis e 34 abstinentes.

Perseguições governamentais

Reuniu ontem esta comissão para tratar deste interminável assunto, visto a atitude do actual governo para com as classes trabalhadoras, procedendo deste modo para que para gaudio das classes dominantes o trono permaneça intacto.

Reuniu ontem esta comissão para tratar da questão da Turquia, mostrando-se partidário do Estado alemão unicílico.

Encontrou-se hoje a mesma comissão para tratar da questão da Alemanha, a fim de se tratar da proxima festa a favor de

transformadas em sindicatos quase que a C. G. T. por 170 votos contra 43 desfavoráveis e 34 abstinentes.

• • •

Os bolcheviques e tolstoianos

A propósito da tolerância que o Governo dos Soviets tem para com todas as crenças religiosas, Birukov, que é um fervente tolstoiano, conta:

O Governo bolchevique monopoliza a imprensa para difundir as suas ideias. E manda imprimir inúmeros opúsculos de propaganda, profundamente distribuídos. Mas o povo, que não acha gosto algum nestas espécies de escritos, pede as obras de Tolstoi. Os bolcheviques aceitam as críticas dos tolstoianos.

Recebem-se também uma carta do camarada José da Silva, preso no Limoeiro há mais de 64 dias por andar a distribuir manifestos por ocasião da greve dos trabalhadores.

A comissão teve conhecimento de que o governo destruiu a prisão de Tchernov, que é a prisão mais famosa da Rússia, e que os detidos foram libertados.

• • •

Um balanço impressionante

E o da chamada 2.ª Internacional, feito por Boris Suvorine no *Journal du Peuple*, de Paris:

A Segunda Internacional amarela e traidora não querer morrer. Dedicava-se a falar o movimento operário revolucionário. Por toda a parte é manifesto o seu papel de dirigente da burguesia. Na Rússia, os seus aderentes apelaram para a reacção estrangeira a fim de esmagar a revolução comunista. Na Polónia, os patriotas sociais sustentaram a oligarquia reactionária que empregava a reacção da Lituânia e da Rússia branca.

Foram recebidos dois telegramas enviados do Porto sobre presos por questões sociais tendo a comissão ido tratar do assunto junto do sr. director da polícia de segurança do estado.

Foi recebido da cooperativa "Aliança Operária", a quantia de \$35 proveniente da comissão de delegado, pelas 21 horas.

• • •

Comissão de Solidariedade Operária de Sacavém

Reuniu em assembleia geral para apresentar as perseguições que o actual governo democrático no nome, está fazendo à classe operária e especialmente às Juventudes Sindicalistas, resolvendo associar-se a qualquer protesto prático que se leve a efeito para a libertação destes jovens e contribuir com 10\$00 para a sua liberdade.

• • •

Armando MASSANO.

• • •

Comissão de Solidariedade Operária de Sacavém

Reuniu em assembleia geral para apresentar as perseguições que o actual governo democrático no nome, está fazendo à classe operária e especialmente às Juventudes Sindicalistas, resolvendo associar-se a qualquer protesto prático que se leve a efeito para a libertação destes jovens e contribuir com 10\$00 para a sua

CONTOS DE «A BATALHA»

A ARCA

men amigo Teixeira, era um tempo sereno, jovial, tocado de concepção, de uma imaginação genial, com a rara virtude de não ser arrogante, de modo que me deixou de arca aberta, quando me desfechou à alma-roupa:

— Está claro, tu, esta noite, vais lá a... Bom. Pois esta noite vamos falar de lobishomens.

Fomos velhos amigos que a miude deixavam possuir da deliciosa inquietação de martelar velhos temas, quando o propriedade exclusiva das assinacções mísseleiras. Para isso a muita vez a sua casa, e aí, numa noite morna, abordavam todos os assuntos, penetravam em todos os caminhos do pensamento, concluindo a reconhecer que a fantasia ainda é grande coisa e que, devido a ela, dizer do Teixeira, poderíamos, com grandeza, ter muito boas propriedades.

Liquificámos o cérebro, secavamo-nos, e poderíamos esgotar todos os assuntos, ainda os mais fantásticos, a nuncos me ocorreria aquela dos lobishomens e, ainda mais, que ela pudesse vir da cabeça do Teixeira.

Enfim eu sou um homem até para sacrifícios, e aquilo não deixava de ter graça. Para dissimular o meu entusiasmo, sempre fui dizendo:

— Bon! Queres cumprir o preceito Homero? Dilui na tua prudência grão de loucura! Estás bem.

Ora essa tua birra para as cidades que me serve agora. Isso dá-te certo prestígio, de modo que quando falares de bruxas, lobishomens e bicho a quatro, enfim vai ser uma diversidade. Já não é sem tempo.

Percebi que o Teixeira queria prever alguma pega. Não sabia era a mim, e com que fui, o que me desse, tanto mais interesse pelo caso, simulando familiarizar-me com a fala, lancei o isco.

De maneira que tu falas em bruias...

— Não! fez ele. Tu é que, sobre o assunto, inventas uma série de histórias um certo ar de coisa succida com quem das tuas relações. Tens carta certa. E acrescentou, malicioso: Esclaro, com muitas citações.

— Andá lá, andá... E tu?

— Eu ponho-me a surzir-te, a contrair, percebes? O brilho, o êxito da ação, está em tu te aguentares na desa. Impinges o diabo, muito bem temido, eu discuto, enfim, represento a verdade triunfante, até que, quando te sacar o olho, calmos os dois a fundo, satamos a rir, cobrindo de um ridículo demolidor.

Esperei a noite com impaciência. Era ansioso de saber que partida que pregar o Teixeira, que, afinal, não

stante a bizarraria do serão proposto, mostrava sempre o mesmo, sereno e em preocupações de justiça e moralidade.

Chegou a noite e, pouco depois, em saída do Teixeira, os rapazes encavalaram-nos nas pernas, partiam-me os dedos ao lápis que em ia aparando pacientemente, enquanto o gato, debaixo a mesa, roçando-se-me pelas calças, guardava o momento em que as minhas pernas vagasse, para sacudir o dedo em sinal de simpatia.

O Teixeira estava reservado, misterioso; a esposa ia bordando um «kimono» azul, e eu a ruminando um assunto, enquanto o lápis se sumia lentamente em aparas minúsculas que o menino caía.

De repente arma-se chinfrim entre os rapazes, disputando um mamarracho em desenhára num pedaço de papel. Aproveito a coisa.

— Se vós não socgeam hoje é sexta-feira, e vem por si o lobishomen. Vou-nos saber o que é um lobishomen?

Não metas essas coisas na cabeça dos rapazes, acode o Teixeira. — Não querem embrutecidos.

Se eu não percebesse o esforço que fazia para se tornar grave, tive que tudo por agua abaixo. Assim continuei:

— Isto não é de todo péta; aqui na casa não aparecem, mas na província...

Os olhos do Teixeira brilharam maliciosos, a esposa parára com a costura, voltando-me num olhar curioso, e imperturbável:

— Aposto que não acreditam?

— Só vendo, — ataca o Teixeira.

— O que?... Pois tu... Tu ainda vidas?... Interrompeu ela, olhando-me desconfiada. Pois eu acreditaria em ti, menos nisto.

Eu preparava-me para voltar à carna, mas o Teixeira interrompeu-me.

— Admiras-te que eu duvide? Pois não, desde que eu vejo que uma sim-

les arca, consegue que tu...

Aqui foi como se o diabo em pessoa traesse na cara.

A mulher serena, Ihaná, que ainda pouco me envolvia num disfarce, levantou-se de repelão, o rosto afogado, e vociferou, cravando em mim um olhar transtornado, chameante:

— Parece impossível que o senhor, prestasse a uma combinação com seu marido, para vir trocar de mim, minha casa!

Estava nervosa, irritada, as narinas batavam-se, os lábios tremiam-lhe.

Confesso que embatuei. Não é em que uma rima despeça desse?

— Não metas essas coisas na cabeça do Teixeira, já ele tinha desacrido, fechando atrás de si a porta da saleta. Então voltei-me para o lado.

— Eu não queria sacudir a água do poço, mas, ao menos, espero que tu me ajudes a sacudir o ridículo em que afundo.

O Teixeira teve um gesto de desalento:

— Foi tudo por água abaixo. Desculpe-me, fui um desastre. — E ficou tempo meditabundo, monologando, como que sucumbido ao peso dum grande desgosto:

— Tam' boa, tam' meiga, que ela é, se transformou, ao ponto de se tornar inconveniente para com um dos meus melhores amigos!... Maldita ar-

Os rapazes saíram-se atrás da mãe, fiquei perplexo, até que me decidi a sacudi-la, a sacudi-la.

Montepio Oficial

A direção do Montepio Oficial fez um convite aos pensionistas de um e outro sexo, residentes em Lisboa e que assim recibos de pensão para comparecerem imediatamente na sua secretaria, a fim de receberem um impresso, que depois de preenchido e assinado por cada um dos pensionistas deverá ser entregue, sem demora, na mesma secretaria, para oportunamente ser fixada a pensão auxiliar a que tenham direito pelo disposto na lei n.º 888, recentemente publicada.

Funcionários administrativos

Reúnem hoje para tratar da sua situação económica

Devem reunir-se, hoje nos Paços do Concelho, numa das salas para esse fim, cedida pela comissão executiva da câmara, os delegados dos funcionários administrativos do país, a fim de tratar da melhoria da situação da sua classe que se encontra pessíssimamente remunerada, facto este reconhecido pelas respectivas vereações e pela imprensa que em vários artigos tem mostrado a necessidade de se elhar para as preceas circunstâncias em que se encontram aqueles empregados.

Ontem a convite do 1.º oficial-chefe Rodrigues da Silva, reuniram-se os funcionários da Câmara Municipal de Lisboa, aos quais aquele funcionário declarou que, não obstante estar conveniente de que a actual vereação, com a sua boa vontade e comprovada energia, conseguisse que os empregados da cidade de Lisboa, antigamente os mais bem remunerados e aqueles que mais regalias usufruam, é hoje numa situação muito inferior ao funcionalismo do Estado, voltariam a ocupar o lugar a que tem direito, convocaria a reunião a 1.º de Setembro, provado com documentos o quanto os referidos signatários foram injustos nas suas alegações para com a Junta da sua freguesia; porém estes não tiveram hombridade precisa para achar a revolta, contra todo este estupido convencionalismo que nos asfixia, que nos priva completamente de gozar um sem número de regalias a que temos direito.

Não é esta Junta constituída, na sua maioria, por comerciantes como os signatários afirmam. A Junta é constituída por 10 vogais, sendo apenas 3 comerciantes.

Esta é que é a verdade, o que facilmente se prova com a lista que elegeu esta Junta.

Na Junta da freguesia tem assento a minoria socialista que, estando sempre de acordo com a maioria, foi conjuntamente à Câmara Municipal fazer entrega da representação a qual está assinada por todo o comércio da rua Gonçalves Freire. O Presidente da Junta, José Fernandes Guimardes.

O embandeiramento do Limoeiro

Dos camaradas presos na cadeia do Limoeiro e que assinavam a carta que com esta epígrafe publicámos no dia 5 do corrente, recebemos uma outra tipografia que a seguir publicamos em resposta a uma carta que o jornal *O Mundão* publicou no dia 7 assignada por um guarda da cadeia do Limoeiro:

— O jornal *O Mundo* de 7 do corrente, publicou uma carta assinada por um guarda desta cadeia, na qual se diz serem falsas as declarações que fizemos na nossa carta do dia 5, em que nos mostravamos em desacordo com o embandiramento do Limoeiro.

Como resposta só temos a dizer que sustentamos todas as afirmações que fizemos, e como testemunhas damos todos os presos do Limoeiro, excepto algum que possa a má qualidade de ser mentiroso.

Quanto às infâncias que são dirigidas contra o nosso ideal, temos a dizer ao signatário da carta que só os podem mendinar as palavras proferidas por gente de consciência, e portanto não nos sentimos melindrados com insultos de ignorantes que se atrevem a falar em coisas que não conhecem.

Nós quando escrevemos a nossa carta dia 5, falámos de uma maneira geral sobre os festos no pateo do Limoeiro, e se acaso mentissemos só a direção da cadeia nos poderia chamar a responsabilidade e não o signatário.

Damos o assunto por liquidado, encerrando o signatário da data carta a que não se mete em assuntos a que não é chamado, e dizendo-lhe mais que nós sómos sempre o que sómos e o que valmos na face da terra e portanto só disutton com quem sabe discutir. — Os presos.

Um polícia consciente

Noticiámos ontem sob esta epígrafe que o guarda-civil n.º 832 havia prestado na rua Fernandes da Fonseca alguns serviços que mereceram a nossa admiração (por se tratar dum polícia) e o nosso sincero aplauso.

Hoje, melhor informados, soubemos que não foi o n.º 832, mas sim o n.º 358, da 25.ª esquadra, o autor de tão notáveis actos.

Também os guardas n.º 249, 1755 e 1977, coadjuvaram aquele cívico. A estes como ao primeiro vai o nosso elogio, fazendo votos para que assim continuem para servirem de exemplo a todos os seus camaradas, que nada mais sabem produzir do que lambazadas na costa da vida.

— Igualmente se encontram em greve os operários correiros, exigindo os patrões 10 horas de trabalho e 20% de aumento nos salários.

Esta greve está quasi solucionada, pois já quase todos os patrões acederam às reivindicações dos grevistas. — C.

O desenvolvimento das indústrias nacionais

O sr. António A. Pereira entregou no ministério do comércio uma proposta de contrato para o establecimento no país, de estaleiros para construção de navios de toda a espécie, de docas para imprezas e reparações, do fabrico de material de guerra, aeronaves, além de outras indústrias subsidiárias. O proponente não pede garantia de juro nem subvenção do Estado.

— Também se declararam em greve os operários pedreiros das obras do Hospital e dos Correios e Telegraphos, por causa das 8 horas de trabalho. É a primeira vez que vemos um círculo de operários dão em todas as suas obras que lhe põem as 8 horas, porque as razões não dão aqui, uma vez que as obras são do Estado? Não compreendemos.

— Igualmente se encontram em greve os operários correiros, exigindo os patrões 10 horas de trabalho e 20% de aumento nos salários.

Esta greve está quasi solucionada, pois já quase todos os patrões acederam às reivindicações da classe.

— Têm sido recebidos vários ofícios dos núcleos da província aos quais se destinou o proximo domingo. Pede-se que sejam respondidos.

— União das Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Torres Vedras

— Têm sido recebidos vários ofícios dos núcleos da província aos quais se destinou o proximo domingo.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegrafistas que comparecerem no dia 26 de outubro, no posto de Chelas, devem comparecer a partir das 8 horas.

— União dos Juventudes Sindicalistas de Chelas

— Reuniu a comissão administrativa deste núcleo, resolvendo que os correiros e telegraf

O CALVÁRIO

POR
OCTAVIE MINTÉ

V
Nada faltava, nada absolutamente, nem mesmo sobre a mesa de trabalho, uma rosa cuja haste mergulhava em uma jarra esguia de cristal... Juliette, radiante, triunfal, não cessava de me dizer:

— Repara, repara bem, em como a tua mulherinha tem trabalhado!

E, inclinando a cabeça sobre o meu ombro, com os olhos enternecidos, com a voz sinceramente comovida, murmurava:

— Oh! Meu Jean adorado, estamos em nossa casa, agora, entendes bem?... Comos vamos ser felizes, no nosso lindo ninho!...

No dia imediato Juliette disse-me:

— Há muito tempo que não vais a casa de Lirat?... Não quero que ele suponha que sou eu que te impeço de oires ver.

Era verdade! Há mais de cinco meses, tinha esquecido o pobre Lirat!... Esquecido?... Não... A vergonha é que me detinha... Só a vergonha me afastava dele... Eu teria, afirmo-o, gritado ao mundo inteiro: «Soy o amante de Juliette!» Mas pronunciar este nome diante de Lirat, a isso não me atrevia... Primeiro, tinha pensado em confiar-lhe tudo, mas receando que isso comprometesse a nossa amizade, reconsiderou: «Veremos; amanhã irei a casa de Lirat...» Assentiu mesmo nessa resolução... No dia seguinte: «Não, ainda não... Não é pressa... Amanhã, sempre àmanhã!... E os dias, as semanas, os meses decorriam... Amanhã!...

Agora que ele estava ao corrente de tudo por Malterre, que, antes de partir, tinha voltado a fazer gemit o divan, como abordá-lo?... Que dizer-lhe?... Como suportar o seu olhar, o seu desprès, a sua celeridade?... A sua celeridade, ainda vai!... Mas o seu desprès, os seus terríveis silêncios, o sarcasmo desconcertador que eu via já brincar-lhe ao canto dos lábios?... Não, na verdade, eu não me atrevia!... Enternecê-lo, pegar-lhe nas mãos, pedir-lhe perdão da minha falta de confiança, fazer apelo a todas as generosidades do seu coração!... Não! Representaria mal esse papel, e depois, com uma só palavra, Lirat gelar-me-ia, suspenderia essa fusão de amizade... Em cada dia que se passava, mais nos afastavamos... Alguns meses mais, e Lirat desapareceria da minha vida!...

Entre!

O meu coração batia; uma barra de fogo atravessava-me a garganta... Quiz fugir.

— Entre! — repetiu a voz.
Abri o fecho:
— Ah! E's tu, Mintié! exclamou Lirat. — Entra!

Preferiria isso a transpor a sua porta, a afrontar os seus olhares... Respondi a Juliette:

— Lirat?... Sim, sim... Conto lá ir em um destes dias...

— Não, não! — insistiu Juliette. — Há de ser hoje... Tu conhece-lo, sabes como é malicioso... Ah! E' capaz de fazer um barulho extraordinário a nosso respeito.

Era preciso desejá-lo. Da rua Balzac à Villa Rodrigues, o trajecto é curto. A fim de retardar o momento desta entrevista dolorosa, dei um grande volta, admirando as exposições dos estabelecimentos do faubourg Saint-Honoré. E pensava: «Se eu não fosse a casa de Lirat!... Diria o que tinha visto e que nos zangamos; inventaria uma história, que me salvaria para sempre daquela visita». Tive vergonha dessa ideia de garoto... Então, tive esperanças em que Lirat não estivesse em casa... Com que alegria eu lhe meteria um cartão pelo buraco da fechadura!... Reconfortado por esta ideia, dirigi-me à Villa Rodrigues, parando em frente da porta do atelier... E aquela porta pareceu-me espantosa. Não obstante, batí, e, logo, de dentro, uma voz, a voz de Lirat, respondeu:

— Vou dar-te uma novidade, que te há de divertir... Ah! Ah!... Há de divertir-te, estou certo... Vivo... com Juliette... Ah! Ah! Com Juliette Roux... Juliette, enfim... Ah! Ah!... Os meus parabens!...

«Os meus parabens! Ele tinha pronunciado: «Os meus parabens!» com uma voz perfeitamente calma e indiferente... Nem um escarnio, nem uma celeridade, nem uma comicação!... «Os meus parabens!...» Como teria dito: «Que tenho eu coiça isso?...» E o seu dorso curvado deu a mesa, estava imóvel sem um sobressalto, sem um tre

A BATALHA

Lirat, sentado à mesa, escrevia uma carta.

— Dás licença de que eu acab... diz-me... — Em dois instantes ter-me-hás

ao teu dispor.

Continuou a escrever. Isto garantiu-me um pouco de não sentir sobre mim frio do seu olhar. Aproveitei-me de estar de costas voltadas, para falar, ali viando-me magis depressa do peso que me opriam a alma.

— Há quanto tempo te não vejo meu Lirat!

— É verdade meu caro Mintié.

— Mudei-me... Ah!

— Moro na rua Balzac.

— Bemstio!

Eu astixava... Fiz um esforço su

primo, reuni todas as minhas forças,

mas, por uma extraña aberração, en

tendi dever tomar um ar despreocu

... Palavra de honra! Cheguei a

gracejar.

— Vou dar-te uma novidade, que te

há de divertir... Ah! Ah!... Há de

divertir-te, estou certo... Vivo... com

Juliette... Ah! Ah! Com Juliette Roux... Juliette, enfim... Ah! Ah!... Os meus parabens!...

— Não é meu pai, é verdade... mas

é meu amigo, o meu único amigo, e

devia-te mais confiança... Perdoa-me!... Sim, vivo com Juliette! Amo-a, e ela ama-me!... E', entio, um crime

procurar um pouco de felicidade... Juliette não é a mulher que tu julgas... Tem sido odiosamente calunada... E' boa e honesta... Oh! Não sorrias... Sim, honesta... Tem ingenuidades de

criança que te enterneceriam, Lirat... Não a estimas, porque a não conheces... Se tu soubesses toda a genit

es... Se tu soubesses toda a genit